

IVAN
TURGUÊNIEV

Primeiro amor

Tradução do russo e introdução de
RUBENS FIGUEIREDO



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Pervaia liubov

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Turguêniev, Ivan, 1818-1883.

Primeiro amor / Ivan Turguêniev ; tradução e introdução de Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: Pervaia liubov

ISBN 978-85-8285-021-3

1. Romance russo 1. Figueiredo, Rubens. II. Título.

15-05893

CDD 891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura russa 891.73

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Rubens Figueiredo	7
PRIMEIRO AMOR	II

Fazia muito tempo que os convidados tinham ido embora. O relógio deu meia-noite e meia. Além do anfitrião, apenas Serguei Nikoláievitch e Vladímir Petróvitch haviam ficado na sala. O anfitrião tocou a sineta e mandou retirar os restos do jantar.

— Então, este assunto está decidido — declarou, se acomodando mais fundo na poltrona e começando a fumar um charuto. — Cada um de nós terá de contar a história de seu primeiro amor. O senhor é o primeiro, Serguei Nikoláievitch.

Homem gorducho, de rosto louro e roliço, Serguei Nikoláievitch primeiro fitou o anfitrião, depois ergueu os olhos para o teto.

— Eu não tive um primeiro amor — disse, afinal. — Comecei logo pelo segundo.

— Como assim?

— Muito simples. Eu tinha dezoito anos quando, pela primeira vez, flertei com uma senhorita absolutamente encantadora; mas a cortejei como se aquilo não fosse uma novidade para mim: da mesma forma como, depois, cortejei outras. Propriamente falando, me apaixonei pela primeira e última vez aos seis anos de idade, pela minha babá; mas isso faz muito tempo. Os detalhes de nosso relacionamento apagaram-se de minha memória, e, mesmo se eu ainda me lembrasse deles, a quem isso poderia interessar?

— Então, o que fazer? — começou o anfitrião. — No meu primeiro amor, também não há muito de interessante; não me enamorei por ninguém, até conhecer Anna Ivánovna, minha esposa... e tudo entre nós correu sem nenhum percalço: nossos pais entraram em acordo, nos apaixonamos muito rapidamente e nos casamos sem demora. Minha história se conta em duas palavras. Eu, cavalheiros, confesso que, ao levantar a questão do primeiro amor, tinha esperança nos senhores, solteirões, não digo velhos, porém já não tão jovens. A menos que o senhor queira nos entreter com alguma coisa, Vladímir Petróvitch.

— Meu primeiro amor, de fato, pertence à classe daqueles que nada têm de comum — respondeu, com uma pequena hesitação, Vladímir Petróvitch, homem de quarenta anos, cabelos pretos, com toques grisalhos.

— Ah! — exclamaram o anfitrião e Serguei Nikoláievitch a uma só voz. — Tanto melhor... Conte.

— Pois não... ou melhor, não vou contar; não sou nenhum mestre da narração: vai sair seca e curta, ou então prolixa e falsa; no entanto, se me permitirem, escreverei num caderno tudo de que me lembro... e lerei para os senhores.

De início, os amigos não concordaram, mas Vladímir Petróvitch fincou pé. Duas semanas depois, eles se encontraram outra vez, e Vladímir Petróvitch cumpriu a promessa.

Eis o que estava em seu caderno.

I

Eu tinha então dezesseis anos. Aconteceu em 1833.

Morava em Moscou, com meus pais. Eles tinham alugado uma datcha* perto dos portões de Kaluga, em frente ao Jardim Neskútchni. Eu estava me preparando para entrar na universidade, mas estudava pouco e não me apressava.

Ninguém cerceava minha liberdade. Eu fazia o que bem entendia, sobretudo depois que me liberei de meu último preceptor francês, o qual não conseguia de maneira nenhuma se habituar à ideia de que ele caíra na Rússia “como uma bomba” (*comme une bombe*) e passava dias inteiros estirado na cama com uma expressão irritada no rosto. Meu pai me tratava com um carinho indiferente; mamãe quase não me dava atenção, embora não tivesse outros filhos além de mim: preocupações de outra ordem a absorviam. Meu pai, homem ainda jovem e muito bonito, casou por interesse; mamãe era dez anos mais velha que ele. Levava uma vida triste: constantemente ficava nervosa, tinha ciúmes, se zangava — mas não na presença de meu pai; tinha muito medo dele, que se mostrava severo, frio, distante... Nunca vi homem mais requintado, tranquilo, seguro de si e autoritário.

Jamais esquecerei as primeiras semanas que passei na-

* Casa de campo ou veraneio típica da Rússia, em geral com área verde. (N. T.)

quela casa. O tempo estava maravilhoso; chegamos da cidade no dia 9 de maio, exatamente no dia de São Nicolau. Eu passeava — ora no jardim de nossa casa, ora no Jardim Neskútchni, ora para além do portão de Kaluga —; levava comigo um livro qualquer — o curso de Kaidánov, por exemplo —, mas raramente o abria, e em vez disso recitava poemas em voz alta, pois sabia muitos de cor; o sangue fervia dentro de mim e o coração gemia — de maneira doce e ridícula: eu esperava tudo, temia não sabia o quê, me admirava com tudo e estava pronto para qualquer coisa; a fantasia brincava e rodopiava depressa em redor das mesmas imagens, como pássaros em torno do campanário ao raiar do dia; eu andava pensativo, tristonho e até chorava; mas através das lágrimas e da tristeza, insufladas ora por um verso melodioso, ora pela beleza da tarde, brotava, como a grama da primavera, o sentimento alegre da vida jovem e em ebulição.

Eu tinha um cavalo de montaria, eu mesmo o selava e cavalgava sozinho para longe, para qualquer lugar, lançava-me a galope e me imaginava um cavaleiro medieval num torneio — como o vento soprava alegre em meus ouvidos! —, ou, virando o rosto para o céu, absorvia na alma aberta sua luz radiante e seu azul.

Lembro que naquele tempo uma imagem de mulher, o sinal de um amor feminino, quase nunca surgia em minha mente com traços definidos; mas em tudo que eu pensava, em tudo que eu sentia, se ocultava o pressentimento semi-consciente e envergonhado de algo novo, indescritivelmente doce, feminino...

Esse pressentimento, essa expectativa, penetrava todo meu ser: estava em minha respiração, corria em minhas veias, em cada gota de sangue... Estava destinado a se tornar realidade, em breve.

Nossa datcha consistia em um casarão de madeira com colunas e duas casas de fundos, de um só andar; na da esquerda estava instalada uma pequenina fábrica de papel

de parede barato... Várias vezes eu ia lá olhar como uma dezena de meninos magros e desgrenhados, em túnicas sebosas, de rostos chupados, pulavam sobre as alavancas de madeira que comprimiam blocos de prensas quadradas e, desse modo, com o peso de seus corpos débeis, estampavam os desenhos coloridos nos papéis de parede. A casa de fundos da direita estava vazia, para alugar. Certo dia — umas três semanas depois de 9 de maio —, as persianas das janelas daquela casa de fundos se abriram, revelaram rostos de mulher — alguma família tinha se alojado ali. Lembro que naquele mesmo dia, durante o almoço, mamãe indagou ao mordomo quem eram nossos novos vizinhos e, ao ouvir o sobrenome da princesa Zassiékina, de início exclamou, não sem certo respeito: “Ah! Uma princesa...”, mas depois acrescentou: “Deve ser uma pobre qualquer”.

— Vieram em três coches de aluguel — comentou o mordomo, enquanto servia uma travessa, respeitosamente. — Não possuem carruagem própria e a mobília é modestíssima.

— Sim — respondeu mamãe. — No entanto, é melhor assim.

Meu pai dirigiu-lhe um olhar frio: ela se calou.

De fato, a princesa Zassiékina não podia ser rica: a casa de fundos ocupada por ela era tão velha, pequena e modesta que mesmo pessoas de poucos recursos não aceitariam alugar-se ali. De resto, na ocasião, não prestei a menor atenção àquilo. O título de princesa tinha pouco efeito sobre mim: fazia tempo que eu lera *Os bandoleiros*,* de Schiller.

* Drama em prosa, de 1871, de Friedrich Schiller (1759-1805), escritor alemão. Marco do romantismo. (N. T.)

II

Eu tinha o costume de vagar toda tarde pelo nosso jardim com uma espingarda e vigiar os corvos. Fazia tempo que eu sentia ódio daqueles pássaros cautelosos, vorazes e astutos. No dia de que estou falando, também fui ao jardim — e depois de percorrer em vão todas as alamedas (os corvos me reconheciam e apenas grasnavam de longe, a intervalos), me aproximei por acaso da cerca baixa que separava nossos domínios, propriamente falando, da estreita faixa de terra do jardim que se estendia atrás da casa de fundos da direita e que pertencia a ela. Eu caminhava de cabeça baixa. De repente, ouvi vozes; olhei para o outro lado da cerca — e fiquei petrificado. Um espetáculo estranho apareceu diante de meus olhos.

A poucos passos de mim, numa clareira, entre arbustos verdes de framboesas, estava uma menina alta e formosa, num vestido de listras cor-de-rosa e com um lencinho branco na cabeça; em torno dela se aglomeravam quatro jovens, e ela batia alternadamente na testa deles com pequeninas flores cinzentas cujo nome ignoro, mas que são muito conhecidas das crianças: essas flores possuem uns saquinhos miúdos que se rompem com um estalo quando batemos com eles em algo mais duro. Aqueles jovens se revezavam com tanta boa vontade para oferecer sua testa — e nos movimentos da

menina (eu via tudo de lado) havia algo tão encantador, cativante, carinhoso, engraçado e meigo que quase dei um grito de admiração e de prazer e tive a impressão de que, naquela hora, daria tudo no mundo só para que aqueles dedinhos encantadores também batessem em minha testa. Minha espingarda escorregou e caiu no chão, esqueci tudo, devorei com o olhar aquela cintura esbelta, o pescoço, as mãos bonitas, os cabelos louros, ligeiramente despenteados por baixo do lencinho branco, os olhos inteligentes semicerrados, as pestanas e a face tenra abaixo delas...

— Rapaz, ei, rapaz — exclamou de repente uma voz a meu lado. — Acha que é permitido olhar assim para mocinhas estranhas?

Estremeci, fiquei perplexo... Perto de mim, do outro lado da cerca, estava um homem de cabelo preto e curto, que me fitava com ar irônico. No mesmo instante, a menina voltou-se para mim... Vi enormes olhos cinzentos num rosto comovente, cheio de vida — e de repente todo aquele rosto começou a tremer, começou a rir, dentes brancos cintilaram, sobrancelhas se ergueram de um jeito meio engraçado... Fiquei vermelho, apanhei a espingarda no chão e, perseguido pelo riso estridente, mas sem maldade, fugi para meu quarto, joguei-me na cama e cobri o rosto com as mãos. Meu coração dava pulos; eu estava muito envergonhado e alegre: sentia uma emoção que nunca experimentara.

Depois de descansar, penteei-me, escovei a roupa e desci para o chá. A imagem da menina permanecia à minha frente, o coração tinha parado de pular, mas se contraía de um jeito agradável.

— O que há com você? — perguntou meu pai, de repente. — Matou um corvo?

Senti vontade de lhe contar tudo, mas me contive e apenas sorri por dentro. Antes de me deitar para dormir, sem que eu mesmo soubesse para quê, rodopiei três vezes

num pé só, passei pomada no cabelo, deitei e dormi a noite inteira como uma pedra. Antes de amanhecer, acordei por um instante, ergui a cabeça, olhei à minha volta, em êxtase — e adormeci outra vez.